

# Efeito positivo só para alguns

A substituição dos produtos importados por nacionais tem amenizado em alguns setores o crescimento do desemprego, mas o professor da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Márcio Pochmann, esperava uma reação maior desses segmentos. "A substituição das importações, em expansão desde a subida do dólar, está beneficiando mais as grandes companhias, que geram pouco emprego", observa. "O governo deveria se empenhar em criar uma política para induzir as micro, pequenas e médias empresas a ocuparem o espaço das importações, o que aumentaria substancialmente a oferta de postos de trabalho."

O presidente da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB), Marcus Vinícius Pratini de Moraes, lembra que nos cinco primeiros meses deste ano o volume de compras de produtos estrangeiros diminuiu 19,5% em relação a igual período do ano passado. "Esse é o primeiro efeito de uma desvalorização", observa.

O que explica, então, o desempenho ruim da balança comercial? Segundo Pratini, as exportações brasileiras também estão em queda, puxadas principalmente pela baixa das cotações dos produtos agrícolas, aço, couro, celulose. De janeiro a maio, a redução foi de 14%.

Otimista, Pratini ainda acredita que atingir o saldo comercial citado na última revisão do acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI), um superávit de US\$ 4 bilhões, é possível. "Aposto na queda de 5% das exportações e na redução de 15% das importações. Com isso, conseguimos o saldo previsto pelo governo."

É o único a acreditar nessa possibilidade. As estimativas da Tendências, consultoria do ex-ministro Mailson da Nóbrega, e também da Nikko Brasil apontam para um volume de importações US\$ 1 bilhão acima das vendas ao exterior. Parece um número bem razoável, até porque nos primeiros seis meses do ano o déficit na balança comercial é de quase US\$ 700 milhões. (LV)